

# Avaliação de Variedades de Aipim na Microrregião Agreste de Lagarto do Estado de Sergipe

Sandra Santos Ribeiro<sup>1</sup>, Hélio Wilson Lemos de Carvalho<sup>2</sup>, Wânia Maria Gonçalves Fukuda<sup>3</sup> e Ivênio Rubens de Oliveira<sup>4</sup>, Francisco Elias Ribeiro<sup>5</sup> e Vanice Dias de Oliveira<sup>6</sup>

## Introdução

A melhoria da produtividade de uma lavoura de aipim depende, entre outros fatores, da utilização de materiais de melhor adaptação e portadores de atributos agronômicos desejáveis, os quais podem trazer mudanças substanciais nos diferentes sistemas de produção em execução em áreas dos municípios que compõem a Microrregião Agreste de Lagarto do Estado de Sergipe, onde o aipim é largamente comercializado.

O desconhecimento do ciclo de variedades de mandioca pode provocar prejuízos em lavouras desse cultivo, além de manter a área ocupada por tempo superior ao necessário (Moura, [1]). O referido autor ressalta que a melhor época de colheita está condicionada ao ciclo do genótipo.

O objetivo deste trabalho foi avaliar variedades de aipim em diferentes épocas de colheita na Microrregião Agreste de Lagarto.

## Material e métodos

Os experimentos foram realizados no Campo Experimental de Antônio Martins, localizado no município de Lagarto (10°30' S de Latitude e 32°13' W de Longitude, com 200 metros de altitude), em áreas de Tabuleiros Costeiros, em solo do tipo Latossolo Amarelo Coeso de Textura Média. Nessa área, a temperatura média é de 26°C e a precipitação anual oscila entre 800mm a 1000 mm, com o período chuvoso compreendido entre os meses de abril a outubro.

Foram avaliadas nove variedades de aipim, em três épocas de colheita (10, 12 e 14 meses), em ensaios em blocos ao acaso, com três repetições, com plantio realizado em maio de 2005. Cada parcela constou de quatro fileiras de 6,0 m de comprimento, espaçadas de 1,0 m e com 0,60 m entre covas dentro das fileiras. Foram colhidas as duas fileiras centrais de forma integral, correspondendo a uma área útil de 12,0 m<sup>2</sup>. As

adubações realizadas nesses ensaios obedeceram aos resultados das análises de solo da área experimental.

Avaliaram-se os caracteres: peso da parte aérea, peso de raízes, porcentagens de matéria seca e de amido. Esses dados foram submetidos à análise de variância por época de colheita e, a uma análise de variância conjunta, considerando-se aleatórios os efeitos de blocos e épocas e, fixo o efeito de variedades, conforme Venconsky & Barriga [2].

## Resultados e Discussão

Constataram-se diferenças significativas ( $p < 0,01$ ) entre as variedades, dentro de cada época de colheita, em relação a todos os caracteres avaliados, revelando a presença de variações entre esses genótipos (Tabela 1). Verificou-se também que o comportamento dessas variedades não foi coincidente na média das épocas. Os coeficientes de variação encontrados conferiram boa precisão aos ensaios.

Em relação à época de colheita (Tabela 1), as variedades apresentaram menores rendimentos de raiz e da parte aérea aos 10 meses. A terceira época de colheita, 14 meses após o plantio, apresentou, em média, maior rendimento de raiz (20,9 t/ha) e de matéria verde da parte aérea (22,4 t/ha) o que pode ser atribuído, segundo Mendonça *et al.* [3], ao maior ciclo dos genótipos. As variedades, Dona Diva, Saracura, Umbaúba 2, Rosa Branca e Cascas Roxa, mostraram maiores rendimentos aos 14 meses de colhidas, tornando-se de importância para exploração comercial nas áreas da Microrregião do Agreste de Lagarto.

Para a característica índice de colheita (Tabela 1), os valores foram baixos nas três épocas de colheita realizadas. Segundo Conceição [4] bons índices de colheita devem ser superiores a 60%.

Os teores de amido e de matéria seca foram também menores aos 10 meses, aumentando de forma crescente até aos 14 meses (Tabela 1). Fukuda & Borges, Moura [5, 1], também obtiveram acréscimos nessas características quando a colheita foi realizada mais tarde. As variedades

1. Estagiária Embrapa Tabuleiros Costeiros/UFS, Av. Beira Mar, 3250, Jardins, C. P. 44, Aracaju, SE, CEP: 49025-040. E-mail: sandrinha\_sr@yahoo.com.br

2. Pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Av. Beira Mar, 3250, Jardins, C. P. 44, Aracaju, SE, CEP: 49025-040. E-mail: helio@cpac.embrapa.br.

3. Pesquisadora da Embrapa Mandioca e Fruticultura Tropical, Rua Embrapa, s/nº, Cruz das Almas, BA, CEP: 44380-000. E-mail: wfukuda@cnpmf.embrapa.br .

4. Pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Av. Beira Mar, 3250, Jardins, C. P. 44, Aracaju, SE, CEP: 49025-040. E-mail: ivenio@cpac.embrapa.br.

5. Pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Av. Beira Mar, 3250, Jardins, C. P. 44, Aracaju, SE, CEP: 49025-040. E-mail: elias@cpac.embrapa.br.

6. Bolsista DTI-G/CNPq/Embrapa Tabuleiros Costeiros, Av. Beira Mar, 3250, Jardins, C. P. 44, Aracaju, SE, CEP: 49025-040. E-mail: vanice\_dias@yahoo.com.br

Dona Diva, Umbaúba 2, Casca Roxa, Rosa e Paraguai apresentaram teor de amido entre 30,4% a 32,7% aos 14 meses, considerado elevado conforme Conceição [4]. Variação semelhante foi observada para o teor de matéria seca. As variedades Dona Diva, Umbaúba 2, Casca Roxa associaram melhores rendimentos de raiz e altos teores de amido, aos 14 meses, constituindo-se em boas opções de cultivo para a região. As variedades Saracura e Rosa Branca devem também ser utilizadas em explorações comerciais nessas áreas.

## Referências

[1] MOURA, G. de M. 1998. Avaliação de cultivares de mandioca em diferentes épocas de colheita, no estado do

Acre. Revista Brasileira de Mandioca, Cruz das Almas, v. 17, n. 1/2, p. 13-23.

- [2] VENCOVSKY, R. & BARRIGA, P. 1992. Genética biométrica no fitomelhoramento. Sociedade Brasileira de Genética, 496p.
- [3] MENDONÇA, H. A.; MOURA, G. de M.; CUNHA, E. T. 2003. Avaliação de genótipos de mandioca em diferentes épocas de colheita no Estado do Acre. Pesquisa Agropecuária Brasileira, Brasília, DF, v. 38, n° 6, p. 761-769.
- [4] CONCEIÇÃO, A. J. da. 1987. A mandioca. Cruz das Almas. Livraria Nobel S/A, 3° ed., p. 27-361.
- [5] FUKUDA, W. M. G.; BORGES, M. de F. 1990. Influência da idade de colheita sobre a qualidade de raízes em diferentes cultivares de mandioca de mesa. Revista Brasileira de Mandioca, Cruz das Almas, v.a, n. 1/2, p. 7-19.

**Tabela 1.** Rendimentos de raiz e de matéria verde da parte aérea, altura da planta, teor de amido, matéria seca de raízes de variedades de mandioca mansa em três épocas de colheita, na safra 2005/2006. Município de Lagarto, Sergipe.

Variedades	Colheita (meses após plantio)			Média
	10	12	14	
<b>Rendimento de raiz (t/ha)</b>				
Dona Diva	16,1 a	21,0 a	26,5 a	21,2 a
Saracura	16,2 a	15,7 c	26,7 a	19,5 a
Umbaúba 2	9,5 b	17,8 c	22,8 a	16,7 b
Rosa Branca	8,7 b	17,2 b	23,6 a	16,5 b
Casca Roxa	8,2 b	13,5 c	25,6 a	15,7 b
Rosa	9,3 b	15,5 c	18,4 b	14,4 c
Manteiga	10,0 b	12,3 c	18,9 b	13,7 c
Maragogipe	7,4 b	14,3 c	12,8 c	11,5 d
Paraguai	8,4 b	11,7c	12,6 c	10,9 d
Média	10,4	15,5	20,9	15,6
C.V.(%)	11,6	13,3	11,8	12,1
<b>Rendimento da parte aérea (t/ha)</b>				
Dona Diva	15,0 b	24,6 b	22,7 c	20,7 b
Saracura	19,6 a	15,1 c	18,4 d	17,7 c
Umbaúba 2	14,0 c	24,5 b	25,7 b	21,4 b
Rosa Branca	16,0 c	28,0 a	25,6 b	23,2 a
Casca Roxa	13,3 c	27,8 a	30,4 a	23,8 a
Rosa	13,3 c	21,5 b	22,3 c	19,0 c
Manteiga	9,0 d	13,5cc	20,0 d	14,1 d
Maragogipe	13,0 d	21,4 b	18,4 d	17,6 d
Paraguai	11,3 d	15,7 c	17,6 d	14,9 d
Média	13,8	21,4	22,4	19,2
C.V.(%)	9,9	12,6	10,4	11,5
<b>Altura da planta (cm)</b>				
Dona Diva	148,6 b	187,6 a	187,3 a	174,5 a
Saracura	129,3 c	147,0 b	146,6 a	140,8 c
Umbaúba 2	126,0 c	162,3 b	170,6 a	153,0 b
Rosa Branca	131,3 c	155,6 b	173,3 a	153,4 b
Casca Roxa	149,0 b	184,3	190,0 a	174,4 a
Rosa	128,3 a	174,0 a	160,3 a	154,2 b
Manteiga	118,6 c	145,0 b	156,6 a	140,1 c
Maragogipe	136,0 c	170,3 a	167,3 c	157,8 b
Paraguai	159,3 a	155,3 b	176,6 a	163,7 a
Média	136,2	164,6	169,8	156,9
C.V.(%)	4,4	6,2	10,1	7,7
<b>Índice de colheita (%)</b>				
Dona Diva	52,3 a	46,3 a	53,6 b	50,7 a
Saracura	45,6 b	50,3 a	59,3 a	51,7 a
Umbaúba 2	41,0 c	42,3 b	47,0 c	43,4 b
Rosa Branca	35,6 c	38,0 b	48,3 c	40,6 c
Casca Roxa	38,3 c	32,6 c	45,3 c	38,7 c

Rosa	40,9 c	42,0 b	45,3 c	42,7 b
Manteiga	52,3 a	48,0 a	48,6 c	49,6 a
Maragogipe	36,3 c	40,3 b	42,3 d	39,6 c
Paraguai	42,3 c	43,0 b	41,6 d	42,3 b
Média	42,8	42,6	48,0	44,4
C.V.(%)	7,4	5,7	5,1	6,0

As médias seguidas pela mesma letra não diferem entre si pelo teste de Scott-Knott.

**Tabela 1.** Continuação

Variedades	Colheita (meses após plantio)			Média
	10	12	14	
	<b>Teor de amido (%)</b>			
Dona Diva	24,0 a	28,0 a	30,4 b	27,4 b
Saracura	24,3 a	26,3 b	29,1 b	26,6 c
Umbaúba 2	26,0 a	27,2 a	30,0 b	27,7 b
Rosa Branca	24,6 a	25,9 b	29,6 b	26,7 c
Casca Roxa	24,0 a	24,9 b	30,0 b	26,3 c
Rosa	28,0 a	29,2 a	32,1 c	29,7 a
Manteiga	23,0 a	25,5 b	28,3 c	25,6 c
Maragogipe	21,0 a	24,0 b	27,7 c	24,2 d
Paraguai	24,6 a	27,4 a	32,7 a	28,3 b
Média	24,4	26,5	30,0	27,0
C.V.(%)	5,9	3,6	3,3	4,2
	<b>Matéria seca de raízes (cm)</b>			
Dona Diva	28,6 a	32,6 a	35,0 b	32,1 b
Saracura	29,3 a	30,7 b	33,6 b	31,2 c
Umbaúba 2	30,6 a	31,8 a	34,6 b	32,4 b
Rosa Branca	29,6 a	30,6 b	34,3 b	31,5 c
Casca Roxa	28,3 a	29,5 b	35,0 b	30,9 c
Rosa	32,6 a	33,9 a	36,6 a	34,4 a
Manteiga	28,0 a	30,1 c	33,3 c	30,5 c
Maragogipe	26,6 a	28,7 b	32,3 c	29,2 d
Paraguai	29,3 a	31,8 a	37,3 a	32,8 b
Média	29,2	31,1	34,7	31,7
C.V.(%)	4,8	3,2	2,8	3,6

As médias seguidas pela mesma letra não diferem entre si pelo teste de Scott-Knott a 5% de probabilidade.